# "Indivíduo" na Idade Média ?!
# Um estudo de caso: a obra *O Espelho de Cristina* de Christine de Pisan.

Mônica Karawejczyk
Mestranda em História, bolsista CNPQ, PUCRS/PPGHIST.
monicaka@terra.com.br

**Resumo:** a pergunta que instigou a feitura dessa reflexão surgiu de uma discussão e preocupação contemporânea sobre a importância do indivíduo na nossa sociedade moderna ocidental. Também era desse modo na chamada Idade Média? A temática do indivíduo já teria alguma relevância? Assim esse artigo procura, através do estudo de uma obra escrita e divulgada no final da Idade Média *O Espelho de Cristina* de Christine de Pisan, identificar esse conceito.

**Palavras-chave**: Indivíduo, Idade Média, Christine de Pisan.

A pergunta, que instigou a feitura dessa reflexão, surgiu de uma discussão e uma preocupação contemporânea sobre a importância do indivíduo na nossa sociedade e que, não podemos negar, é um dos valores fundamentais da sociedade moderna ocidental. Começamos a nos perguntar se seria possível perceber no final da Idade Média essa temática do indivíduo e de qual seria o seu campo de atuação ou de autonomia frente à sociedade da época. Como uma maneira de melhor compreender esse conceito usamos a obra *O Espelho de Cristina* de autoria de Christine de Pisan para exemplificar as nossas considerações. Temos claro as limitações que tal obra possa dar à nossa análise, principalmente por se tratar de um estudo realizado sobre uma fonte que foi escrita por uma mulher e para ser "consumida" por mulheres, mas acreditamos que isso não prejudica ou mesmo invalida as conclusões aqui apresentadas.

*O Espelho de Cristina*[1] é uma edição fac-similada editada pela Biblioteca Nacional de Lisboa no ano de 1987. Esta obra é a versão portuguesa do manuscrito francês de 1405, intitulado *Le Livre des Trois Vertus,* cujo original se encontra na Biblioteca Nacional da França. Christine de Pisan, a autora desta obra, é considerada a mais importante poetisa medieval e a primeira mulher a viver de sua arte – a escrita - no Ocidente.

Devemos aqui fazer uma ressalva importante, pois apesar de nos referirmos ao século XV como final da Idade Média e estarmos conscientes de estarmos utilizando a concepção política tradicional que coloca limites, tanto para o início quanto para o final dessa época[2], gostaríamos de deixar claro que essas delimitações são arbitrárias e que já trazem em seu bojo idéias preconceituosas e pré-concebidas sobre o período, principalmente ao denominar essa época da história como uma idade intermediária entre a grandiosa *Antiguidade* e a mais grandiosa ainda *Idade das Luzes*.

Deixemos de lado as idéias de uma época obscura e envolta nas trevas do obscurantismo, fanatismo e irracionalismo, que estaria só esperando as "luzes" do Renascimento e da Idade Moderna para emergir da ignorância. Não houve cortes profundos, cirúrgicos e nem mesmo divergentes nos valores que permearam essas épocas históricas.

---

[1] Título dado a essa obra em Portugal.

[2] A Idade Média trata-se de um período da história européia de duração de cerca de um milênio e que normalmente é apresentado, para fins didáticos, como sendo delimitado pelos séculos V a XV, conforme definição de FRANCO Jr, Hilário. *A Idade Média – Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense,2001. p.14-15.

Vamos tentar compreender que, esse período, que denominamos de final da Idade Média, não faz parte de uma bem montada estratégia que colocou abaixo uma visão de mundo calcada na religiosidade e fez emergir do nada uma nova visão de mundo, considerada como mais humanista e racional. Bem sabemos que isso não aconteceu. Como já salientava Fernand Braudel as mutações intelectuais, ocorridas nas estruturas mentais, e nas quais incluímos as mudanças nos valores morais e na visão de mundo do homem sobre o seu tempo, fazem parte das mudanças que "(...) ocorrem no tempo de gerações, e mesmo de séculos, por isso os contemporâneos dos fatos nem sempre se apercebem delas"[3] fazendo parte assim do tempo considerado de longa duração. Assim os resquícios do que chamamos de "visão de mundo medieval" podem ser encontrados até os primeiros anos da Revolução Industrial[4]. Por isso utilizamos os mesmos conceitos de indivíduo para toda uma época.

## A busca pelo conceito de indivíduo

Não foi uma pretensão desse breve ensaio contar a história do individualismo e nem contestar as suas origens, afinal esse caminho já foi percorrido por especialistas em quem nos apoiamos para entender melhor esse tema. Entre eles podemos destacar Louis Dumont, Colin Morris, Norbert Elias, Aron Gurevitch e Jean-Claude Schmitt. Esses autores situam a origem do individualismo ocidental nos primórdios do cristianismo, salientando que, ao longo do tempo, o que ocorreu foi uma transformação na sociedade e na atuação do indivíduo nessa sociedade. Levando-se isso em consideração procuramos sempre ter o cuidado de não cair em anacronismos e aplicar o conceito de indivíduo que temos atualmente para a época em que a obra foi escrita, ou seja, a Idade Média.

Como bem explicita o historiador russo Aron Gurevitch no seu livro *As Categorias da Cultura Medieval:*

---

[3] BURKE, Peter. *A Escola dos Annales* (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. No capítulo 3 temos essa explanação de Burke sobre a obra de Braudel de onde tiramos esta citação na p.48.

[4] Baseamos essa informação em ZINK, Michel. "Literatura." In: *Dicionário Temático do ocidente medieval*, org. por LE GOFF, J. e SCHMITT, J.C. São Paulo: EDUSC, 2002. Zink nos oferece essa periodização ao analisar a afirmativa de Jacques Le Goff que estabelece outras fronteiras para a Idade Média. "Se é verdade que a Idade Média durou desde o século II ou III de nossa era para morrer lentamente aos golpes da Revolução Industrial, como nos impedir de ouvir ecos, ainda próximos de nós?" p.92.

> Hoje, não é mais possível sustentar o ponto de vista, ainda predominante há algumas dezenas de anos, segundo o qual na Idade Média (...) não tinha existido personalidade humana, tendo o indivíduo sido totalmente absorvido pelo seu grupo social, ao qual se encontrava inteiramente submetido. [5]

Também é nesse sentido que Jean-Claude Schmitt[6] nos alerta que, para ele, o fato mais claro na Idade Média é a ausência da noção de indivíduo (no sentido contemporâneo do termo), que reserva a cada homem uma autonomia e decisão absoluta. Para Schmitt, o indivíduo só se afirma e toma consciência de si na sua maneira peculiar de se relacionar e interagir com a sociedade, assunto que iremos explicitar mais adiante.

Buscamos através da análise de alguns trechos selecionados de *O Espelho de Cristina* tentar entender quem era esse indivíduo e mesmo se ele poderia ser identificado nessa obra que tem a pretensão de ser um manual de comportamento para as mulheres ou, como nas palavras do historiador José Rivair Macedo, "um tratado sobre educação e a arte de viver em sociedade".[7]

Outra questão que veio a nos confundir nessa busca foi qual definição, então, daríamos para o indivíduo e como procederíamos para a averiguarmos na nossa fonte. Partimos então em busca das definições que poderiam jogar alguma luz nesse conceito para então podermos nos abeirar do nosso propósito, ou seja, de conhecer e reconhecer essa noção na obra de Christine de Pisan.

Começamos com a leitura de obras de caráter sociológico e antropológico que tratam desse tema e, das quais, queremos destacar o importante ensaio de Louis Dumont[8] intitulado *O Individualismo* que se propõe a dar uma perspectiva antropológica da ideologia moderna[9], ou seja, do individualismo no ocidente. Este texto nos foi importante, entre outras coisas, por distinguir dois sentidos da palavra 'indivíduo': uma que é "o sujeito *empírico* que fala, pensa, quer, ou seja, a amostra individual da espécie humana, tal como a encontramos em todas as sociedades" e o outro sentido que é "o ser *moral*, independente, autônomo e, assim (essencialmente), não social, portador dos nossos valores supremos, e que se encontra, em

---

[5] GUREVITCH, Aron *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991. p. 345.
[6] SCHMITT, Jean-Claude. La De'couverte de L'individu: une fiction historiographique? In : _____. *Le Corps, Les Rites, Les Rêves, Le Temps. Essais d'antropologie mediévale.* Paris: Gallimard, 2001. p. 241-262. [tradução minha]
[7] MACEDO, J. R. *A Mulher na Idade Média.* São Paulo: Contexto, 2002.p.31.
[8] DUMOND, Louis. *O individualismo* - Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
[9] O autor chama de ideologia "a um sistema de idéias e valores que tem curso num dado meio social. Chamo de ideologia moderna ao sistema de idéias e valores característico das sociedades modernas que é individualista – sendo o individualismo definido sociologicamente do ponto de vista dos valores globais." p. 20-21.

primeiro lugar, em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade."[10] Ao analisar esses conceitos trabalhados por Dumont, e principalmente esse segundo sentido do termo, nos chamou a atenção esse acento dado pelo autor ao caráter não social do indivíduo.

Nos deparamos, então, com mais um problema, como definir esse indivíduo em relação à sociedade em que está inserido, visto que não podemos em sã consciência aceitar que o homem possa se considerar como um indivíduo fora do mundo, não social, ainda mais para a época e para a fonte que possuímos. Desse modo, em busca de mais subsídios para essa pesquisa, encontramos a obra do sociólogo alemão Norbert Elias *A Sociedade dos Indivíduos*, cuja questão central é o estudar da correlação entre os indivíduos e a sociedade através da busca dessa relação entre a pluralidade de pessoas (que é a sociedade) e a pessoa singular a que chamamos de indivíduo.

Elias nos explicita que atualmente quando falamos a palavra indivíduo queremos expressar a idéia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma e, ao mesmo tempo, que cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais. Mas nos perguntamos se é realmente dessa maneira que o indivíduo se considerava na época em que Christine de Pisan escreveu a sua obra; afinal na Idade Média o que era mais almejado por todos, ao que parece, era a sua perfeita integração no seu grupo, na sua comunidade, como já nos alertava Jacques Le Goff quando da sua análise do homem medieval ao afirmar que:

> (...) se nos abeirar-nos dos homens do Ocidente Medieval na sua individualidade, depressa reconheceremos que não só – como em todas as sociedades – esses indivíduos pertencem, cada um, a seu grupo ou comunidade mas que, na Idade Média, pareciam mais se dissolver neles que por eles se afirmar.(...) só havia salvação no grupo e pelo grupo (...) o indivíduo medieval estava, assim, preso numa rede de obediências, de submissões, de solidariedades. [11]

Do acima exposto, podemos perceber que não se pode tentar apreender o indivíduo desvinculado de sua sociedade de origem, ou seja, que ele só pode ser compreendido através das suas relações com esse grupo (a sociedade) onde está inserido e onde ele foi criado comungando com as normas e a ideologia vigente em sua época. A comprovar essas idéias temos Aron Gurevitch ao nos advertir que :

> Só se pode encontrar e compreender inteiramente o homem medieval no quadro da sua comunidade. Os seus conhecimentos, os seus hábitos, a sua experiência, as suas convicções, as

[10] DUMOND, L. Op. cit. p.36.
[11] LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Vol 2.Lisboa: Estampa, 1995. p. 35.

> formas do seu comportamento, não eram suas senão na medida em que eram admitidas pelo respectivo meio social.[12]

Mas quem seria então esse indivíduo 'medieval'? Como é que podemos caracterizá-lo e mesmo reconhecê-lo, mesmo admitindo que ele só pode ser entendido e captado se tivermos em conta a sociedade em que ele estava inserido? Encontramos uma resposta no verbete **Indivíduo** do *Dicionário Temático do Ocidente Medieval,* onde o autor distingue, de forma análoga a de Louis Dumont, dois aspectos no conceito do indivíduo: o da pessoa e o da individualidade. Define a pessoa como "(...) um elo intermediário entre sociedade e cultura" e que o indivíduo torna-se uma pessoa ao "interiorizar a cultura, o sistema de valores, a visão de mundo que são próprios de uma sociedade ou de um grupo social" e que a individualidade "é uma pessoa se voltou a uma auto-reflexão e que se pensa como um eu particular, único". [13]

Assim, com base nesses autores, cremos que o que podemos identificar na nossa fonte primária é esse indivíduo considerado como um 'elo intermediário' entre a sociedade e a cultura vigente, e que a sua identificação pode ser comprovada ou não pela forma como Christine nos apresenta a mulher da sua época (mesmo que seja uma apresentação idealizada) e qual o campo de atuação que ela teria nessa sociedade.

Ainda queremos explicitar, antes de iniciarmos a análise da obra *O Espelho de Cristina*, qual poderia ser a autonomia que esse indivíduo poderia ter numa sociedade tão hierarquizada e fechada como a encontrada na Idade Média. Para isso nos apoiamos quase que exclusivamente nos dois textos de Aron Gurevitch já citados acima.

Ao estudar a cultura medieval Gurevitch esclarece que o homem dessa época mantinha uma constante busca pelo anonimato e que não se via como uma personalidade autônoma, mas sim pertencente a um conjunto dentro do qual devia cumprir sua função. Assim na sociedade medieval, os papéis sociais eram precisos e absorviam totalmente o indivíduo, e não devemos nunca nos esquecer de que o que consideramos, hoje, como qualidades essenciais do indivíduo não eram procuradas e menos ainda instigadas naquela sociedade, pois:

> A qualidade de que o indivíduo devia fazer prova não era nem a originalidade, nem a distinção em relação aos outros, mas, muito pelo contrário, a activa e maior participação possível no grupo social na comunidade, na ordo, a ordem estabelecida por Deus. (...) O homem medieval

[12] GUREVITCH, Op. cit. p.355.
[13] GUREVITCH, Aron. "Indivíduo." In: *Dicionário Temático do ocidente medieval*, org. por LE GOFF, J. e SCHMITT, J.C. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 621.

> não se concebia como o centro de acções unificadas e dirigidas em direcção a outras pessoas (...) assim um monge, ou qualquer outra pessoa falando de si, define-se segundo as diferentes categorias, o pecador, o homem justo, o homem da Igreja, etc., mas, em geral, não procura por em evidência os seus traços verdadeiramente pessoais. [14]

Também temos que ressaltar que, na Idade Média, a primeira condição que o indivíduo tinha de ter para se sentir pertencendo à sociedade era a de se contar entre os cristãos e que como nos lembra Johan Huizinga "O pensamento medieval estava na generalidade saturado das concepções de fé cristã".[15] E não devemos nos esquecer disso ao analisar essa obra de Christine de Pisan.

Sendo assim destacamos que "(...) segundo o conceito medieval, a sociedade era composta não por indivíduos isolados, mas por indivíduos unidos em Deus".[16] Isso pode ser verificado na essência do texto do *Espelho de Cristina*, que se depreende, a cada vez que a lemos, que o principal ensinamento que a mulher deve manter é o amor e temor que deve ser dedicado a Deus, além de mostrar como é importante que a mulher siga os preceitos de Deus para que possa pertencer a sua comunidade e para que, além de alcançar um melhor convívio em sociedade, elas possam alcançar o "paraíso que é prometido aos que bem vivem" como verificamos ao longo de toda a obra.

Do mesmo modo Gurevitch nos mostra que o autor medieval, de uma forma geral, "ao tomar consciência de si mesmo", identificava-se constantemente a modelos ou exemplos emprestados das obras antigas, da Bíblia ou dos textos patrísticos, como podemos notar em diversos trechos espalhados pela nossa fonte, daremos um exemplo retirado do prólogo do Espelho de Cristina:

> Nom sabes tu que Seneca diz ainda que o entendimento do homem se repouse depoi dalguum trabalho o tempo das boas obras nom se perde. nem perteeçe aty seeree no conto daquelles que no começo dos boos caminhos afroxam de seus prepositos et tornam a enfraqueçer.

Gurevitch também nos informa que o indivíduo medieval só podia se formar "assimilando" os fragmentos de outros indivíduos que ele captava nesses textos, desde modo o autor não estaria caindo no grave pecado da soberba que deveria lhe alertar de que "o pecado do orgulho[17] evoca a interseção de outros que [obriga] o cristão medieval a escrever

---

[14] GUREVITCH, Aron. *As Categorias da Cultura Medieval*.Lisboa: Editorial Caminho, 1991. p. 350-362.
[15] HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d.p.69.
[16] GUREVITCH, A. Op. cit. p.349.
[17] Segundo o verbete "pecado" escrito por Carla Casagrande e Silvana Vecchio no já citado Dicionário Temático do Ocidente Medieval "Os homens e mulheres da Idade Média aparecem dominados pelo pecado (...) toda a vida e visão de mundo do homem medieval gira em torno da presença do pecado [e é ele que] domina

mesmo além de suas possibilidades e capacidades."[18] Temos um claro exemplo disso logo nas primeiras linhas do prólogo da obra, quando Christine se reporta às três senhoras que a "obrigam" a escrever esse livro, a saber, a Razão, a Justiça e a Retidão.

Essas virtudes que se personificam para aconselhar Christine desempenham o papel de guias e educadoras da mulher incitando-a a agir sempre inspiradas por seus nobres conselhos e "(...) num determinado momento o indivíduo encontrava-se na posse de uma dessas forças morais e agia sob a sua influência. A iniciativa provinha destas forças e não do centro da personalidade global "[19] , ou seja, não é Christine que escreve essas linhas mas sim essas senhoras, que como as musas antigas tudo sabem e tudo vêem, e é sob a sua inspiração que Christine pode ver o que jamais viu e o que jamais conheceu e aconselhar a todas pois a sua inspiração é divina.

Na obra *O Espelho de Cristina* somente em dois momentos, a saber, no prólogo e na conclusão é que temos uma referência que a obra foi escrita por Christine de Pisan, mas como já se disse, inspirada por essas figuras alegóricas da Razão, Justiça e Retidão. No prólogo, então, temos descrito como das três senhoras aparecem a Christine e como ela (Christine) se resigna em ouvi-las e obedecê-las:

> Eeu cristina ouuido as vozes de minhas booas et honrradas senhoras chea de Alegria correndo me puse de giolhos antellas et me oferecy aa obediençia de seus dignos mandamentos: os quaes logo reçeby em esta forma. Toma tua pena et escreue.[20]

Já na conclusão da obra temos, então, a despedida das senhoras e a apreciação que Christine faz do que lhe foi assim imposto por elas:

> Tanto que as tres senhoras se callarom logo desapareçerom. E eu cristina fiquey assy cansada de longa scriptura. E muyto allegre sguardando a boa et proueytosa obra de suas lyçoões as quaes per mi vistas me pareçerom cada vez milhor pera beem et acrecentamento de boos costumes et virtudes et louuor et honrra de toda universidade das molheres espresentes et por vijr onde quer que podesse seer vista.

---

toda a rede de relações nas quais o homem medieval se move e se representa." p.337. Desse modo as qualidades individuais que se afastavam das normas aprovadas eram reprimidas, não apenas por que esta sociedade olhava com desconfiança e prevenção tudo o que era "original", mas também por que, antes de mais, o estado de espírito e os atos associados a tais qualidades eram considerados contrários ao modelo cristão e perigosos para a fé, assim o pecado do orgulho devia ser suprimido pois levava o homem a cometer todos os outros.

[18] GUREVITCH, Aron. "Indivíduo." In: *Dicionário Temático do ocidente medieval*, org. por LE GOFF, J. e SCHMITT, J.C. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 623.

[19] GUREVITCH, A. *As Categorias da Cultura Medieval.*Lisboa: Editorial Caminho, 1991. p. 354.

[20] Em todas as citações da obra *O Espelho de Cristina* optou-se por manter a grafia original em português arcaico, devido a facilidade de compreensão do texto. A única modernização feita foi o desmembramento das abreviaturas que encontraram-se no fac-simile trabalhado pela autora desse artigo.

Nestes trechos temos uma boa ilustração do que foi dito anteriormente, ou seja, que a iniciativa da escrita e, portanto dos conselhos dados as mulheres foram todos dessas virtudes alegóricas, o que dava uma legitimidade ainda maior aos conselhos dados e integrava a autora no estilo literário da época.

Porém antes de iniciarmos a apresentação da obra em questão vamos conhecer um pouco a história de sua autora – Christine de Pisan.

**Christine de Pisan**[21]

[inserção da figura 1]

[FONTE: Christine de Pizan, Collected Works (1407), BL, MS Harley 4431, fol. ?. Andrea Hopkins, Six Medieval Women, p. 108 – LEGENDA: Christine de Pisan]

Retirado do site: http:www.bl.uk/.../images/t2imagesource3depisan.jpg

[21] A apresentação da obra O Espelho de Cristina também foi trabalhado em outro artigo de minha autoria podendo ser acessado no site http://www.historiaehistoria.com.br na seção alunos, sob o titulo de "Um manual de comportamento feminino no final da Idade Média:*O Espelho de Cristina* de Christine de Pisan (1405)"

Ela é considerada a mais importante poetisa medieval e a primeira mulher a viver de sua arte – a escrita - no Ocidente. Era italiana de origem, mas francesa por adoção. Nasceu em 1364, em Veneza. O pai Thomaz de Pisan era astrônomo e, como tal, foi convidado a viver na corte de Carlos V, o sábio. No ano de 1370 mudou-se para França onde a família passou a viver desde então. Com o pai Christine aprendeu o latim e a filosofia, matérias que não faziam parte da educação de uma mulher. Aos quinze anos de idade como de costume na época, casou-se.

Em 1389 o seu marido morre, alguns anos depois de seu pai e Christine se vê só, viúva aos 25 anos de idade e responsável pelo sustento da família. Segundo Bárbara Tuchman "Cristine de Pisan, foi à única mulher medieval, pelo que se sabe, a ganhar a vida escrevendo... [com a morte do marido e do pai] viu-se sem recursos nem parentes, começando a escrever para conquistar a proteção, que seria então seu meio de vida."[22] Christine teve assim de transformar seu saber em profissão; educada, culta, integrada ao mundo das letras, transformou as palavras em ofício, e da poesia retirou o sustento. Sendo reconhecida como autora brilhante já em vida, compôs inúmeras baladas e poemas, inclusive uma biografia do rei Carlos V, além de obras educativas para mulheres (como é o caso da obra apresentada) e textos de caráter memorialístico e biográfico.

[inserção da figura 2]

[Fonte: Christine de Pizan, Collected Works (1407), BL MS Harley 4431, fol. BL, MS Harley 4431, fol. 1r. LEGENDA: Christine de Pisan ofertando um dos seus livros para a Rainha Isabeau da França, esposa de Carlos VI ] - Retirado do site: www.virtue.to/articles/images/1420s_pisan.jpg

[22] TUCHMAN, Bárbara W. *Um Espelho Distante*. O Terrível século XIV. Rio de Janeiro: José Olympio,1989, p. 200.

De 1399 a 1430 - ano de sua morte - escreveu mais de 15 obras de prosa e outras tantas poesias – feito notável até os dias de hoje. Pouco conhecida do público, hoje em dia, Christine de Pisan é apresentada na introdução da obra por Maria Manuela Cruzeiro, como uma autora que perseguiu em suas obras uma valorização da mulher, pela educação e pela aprendizagem. Porém sempre dentro dos limites impostos pela própria sociedade em que ela estava inserida. Sua obra teve uma grande aceitação ainda em vida, sendo divulgada não somente em França, mas em toda a Europa Ocidental como apontam as inúmeras traduções feitas das suas obras e também pela encadernação luxuosa dos exemplares que sobreviveram. Aos 54 anos ela recolheu-se para um convento onde viveu ainda onze anos e escreveu um poema em louvor da figura que, para a posteridade, se destacaria acima de todas as outras, Joana D'Arc.

Seus primeiros trabalhos foram poemas e seu primeiro patrono foi o irmão do rei da França Louis Duque de Orleans. Teve outros patronos, inclusive o Duque da Borgonha, o Rei Carlos VI e sua esposa, a rainha Isabel da Baviera. Christine dedicou e ofereceu algumas de suas obras a pessoas da família real francesa, sendo que *"Le Livre des Trois Vertus"* foi dedicado à jovem Delfina da França Marguerite de Borgonha.

Um outro ponto interessante ao se falar de Christine de Pisan, e sobre as mulheres que se dedicaram à escrita na Idade Média, é o que nos apresenta Peter Dronke, no seu livro "*Las Escritoras de la Edad Media*". Segundo esse autor, as razões que levam as mulheres a escreverem são mais sérias e urgentes do que é habitual entre seus colegas homens, salientando ainda que elas respondem a uma necessidade interior antes que a uma inclinação artística ou didática[23]. Não é isso que verificamos em Christine, que escreveu mais de quinze livros durante sua vida, tanto poesias quanto livros de caráter didáticos, textos estes, em que uma mulher conta como se vê e a seu mundo.

## O indivíduo apresentado na obra *O Espelho de Cristina*

A partir da delimitação tantos dos conceitos quanto das limitações deste ensaio, passemos a analisar a obra através de alguns trechos que selecionamos. A obra *O Espelho de*

[23] DRONKE, Peter. *Las Escritoras de la edad media*. Barcelona: Critica, 1994 , p. 11.

*Cristina* é apresentada em português arcaico distribuída em 51 fólios[24] impressos e encontra-se dividida em três livros. Cada livro é dirigido ao ensinamento de um estado[25] e apresentando diferentes números de capítulos, no prólogo temos a descrição da aparição das três senhoras, as filhas de Deus, a saber: a Razão, a Retidão e a Justiça que aparecem novamente a Christine, para ajudá-la a povoar a Cidade das Damas, que também é o título da obra anterior de Christine de Pisan.

Destacamos inicialmente que a mulher para ser aceita naquela sociedade devia evitar vários comportamentos que não eram considerados como aceitáveis e que, normalmente, advinham de uma vida não virtuosa, que acaba gerando o ócio, a soberba, a preguiça e todos os outros pecados. Assim as três senhoras[26] que, personalizam as principais virtudes que as mulheres deveriam seguir, oferecem seus conselhos para que, visando o afastamento da mulher das tentações que os pecados representam, possam alcançar o bem viver em sociedade e o paraíso no final de suas vidas terrenas. O pecado principal que deveria ser evitado a todo o custo era o pecado da soberba[27] como podemos verificar nestes trechos retirados da obra:

> E sabes per autorydades da santa scriptura que deos adesama tanto que a nom pode sofrer. Ca por ella cayo luçifer principe dos jmmiguos da alteza do çeeo em o jnferno. E assy faras tu se te nom guardas.**soberba raiz de todos malles çertamente**. eu conheço que de ty veem todos outros pecados. E confesso que por causa de ty soomente eu soo muytas vezes metyda em yra desejando vyngança. **E me fazes pensar que eu deuo seer temyda. et prezada sobre todas.** et meter todos sob meus pees. nem deuo sofrer cousa que me deespraza. mas por pequena que seja loguo tomas a vyngança. (...) perversa creatura tu desejas vyngança. por que **te pareçe que hes tam grande. que nenhuum deue ousar contradyzer cousa alguuma que tu faças.** nem regestyr ha teu querer. **mas tua çegua ygnorançya gujada. per soberboso. per presumçom te faz perder ho conheçimento** como toda pessoa seya grande. ou pequena. que mal vsa seus dyas mereçe que toda cousa lhe seya contrayra nem paras mentes em ty como as mereçydo he mereçees polla maa maneyra que teeus que seyas fora da graça de muytas boas persoas (...) E esta **desleal soberba que te poem no mar da perdyçam** [28]

Destacamos em negrito os termos que se referem ao grave pecado da soberba e que, segundo a sociedade religiosa da época, era a raiz de todos os males e de onde os outros pecados adviriam. Além desse trecho temos muitos outros exemplos na obra de como a mulher, se insistisse em ser orgulhosa e não proceder conforme mandava as santas escrituras, só encontraria o desprezo e a desonra.

---

[24] Cada fólio contém duas páginas e quatro colunas de texto.
[25] Essa divisão por estados ou estamentos sociais mudou o critério vigente na época que classificava as mulheres segundo o critério espiritual da castidade, ou seja, as virgens, as casadas e as viúvas.
[26] A saber: a razão, a justiça e a retidão.
[27] Considerado um dos mais importantes pecados capitais a soberba (ou orgulho) exerce funções de comandante supremo levando aos outros vícios, a saber: a vaidade, a inveja, a cólera, a preguiça, a avareza, a gula e a luxúria.
[28] PISAN, C. *O Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987. Trechos retirados do livro 1, capítulo 3, folhas 2 e 3.

Nos restringiremos a esse trecho apresentado por considerar que ele bem ilustra o que queremos indicar, ou seja, que todas as demonstrações de arrogância, inveja e vaidade que seria de se esperar do mais alto estado, nesse caso das princesas, deveriam ser evitados pois esse comportamento não condizia com o que deveria ser compartilhado com a comunidade que deveria se espelhar no comportamento de seus superiores exigindo deles somente a humildade, a bondade e a generosidade como maiores virtudes cristãs. Essa então seria a primeira etapa a ser vencida pelo indivíduo para se sentir pertencente a sua comunidade, suprimir os impulsos que o levariam a cometer atos pecaminosos e que, assim o manteria longe da palavra de Deus e da comunidade cristã.

Outro trecho que bem demonstra o que pode acontecer aos que insistem em manter a postura da arrogância e do pecado foram retirados do livro 1:

> nom te nembra ha este preposyto que he scryp to no ecclesyastico aos dez capitollos que deos destroyo os duques soberbosos et fez os mansos por elles. E arrancou as rayzes da soberba et plantou as humyldosas em seu lugar. Esto te aconteçera se quyseres seer destruyda Tornate ao teu senhor deos et conheçe que hes huma symplez molherzinha que nom has força: poder: nem autoridade: se doutrem te nom vem: pensas por que te vees enborylhada em vyços et honras trilhar todo o mundo a teu prazer[29]

Assim deve a mulher mostrar as virtudes e esconder os seus pecados para que possa conviver em harmonia com os outros e com Deus, além de se conscientizar da sua pequenez em relação a Deus que a tudo e a todos governa, pois todo o poder e autoridade vêm de Deus. Os critérios cristãos da humildade, simplicidade, submissão e caridade, que regiam a sociedade e que deviam servir de guias para o indivíduo se mover nesta sociedade são bem destacados ao longo de toda a obra.

Nos capítulos dedicados ao aconselhamento de qual comportamento que a princesa deveria apresentar, para ser bem aceita pela sociedade, são destacados como pontos principais e necessários à princesa: manter o seu bom nome e a sua consciência limpa e integrada aos preceitos de Deus, além de que ela mantivesse a prudência como seu guia levando uma vida de temperança, observando a castidade e os valores cristãos. Porém paradoxalmente sugere que as mulheres usem da dissimulação para que mantenham o seu bom nome e o amor do seu marido, pois afinal o que importa é como a imagem dessa mulher é percebida por seu grupo. Acompanhemos um exemplo retirado do livro 1 :

[29] Idem, Ibidem. folha 3.

> E ponhamos que o marido fosse de maaos custumes: peruerso et asparo et de pouco amor contra sua molher de qual quer estado que elle seja: ou se desuya em amor doutra molher ou de muytas. Ally se pode ver o ssiso et prudençia da sages molher qual quer que ella seya. Quando ella sabe esto soportar et disymullar sagesmente et fazer sembrante que nom sabe nada desto[30]

O que queremos destacar com este trecho é que, apesar dele tratar de um caso específico que demonstra como a mulher deve se portar caso seu marido seja mau para com ela ou mesmo que tenha outra mulher, a importância desse trecho reside na ênfase dada a dissimulação, a manter as aparências acima de tudo, mostrando-se assim sábia e prudente. Desse modo o que realmente importa para essa sociedade é a imagem que essa mulher passava para o seu grupo, ou seja, a imagem que esse grupo tinha da mulher, que só podia então se perceber e se conhecer através dos olhos dos outros.

Além desses conselhos a mulher deveria sempre procurar zelar pela sua honra e pelo seu bom nome, sempre presentes também estão as admoestações de bom comportamento e resignação que as mulheres devem apresentar quanto ao lugar que ocupam na sociedade. Todas essas percepções só reforçam a nossa conclusão que o indivíduo que pode ser vislumbrado nessa obra de Christine de Pisan é um indivíduo totalmente inserido na sua sociedade, que deve se aperceber e se afirmar através dos seus grupos e da busca dos valores cristãos.

Desde modo a mulher deve se resignar ao seu estado e se comportar conforme lhe é esperado, mas há um ponto salientado na obra que foi por nós considerado muito instigante pois é, de certo modo um ponto que não esperávamos encontrar neste livro. Temos espalhado ao longo da obra trechos onde há interpretações que são dadas as Escrituras e o impacto que elas devem ter sobre os comportamentos esperados por cada estado.

Observemos, inicialmente esse trecho do livro 1 onde ocorre uma interessante e das mais convenientes interpretações das palavras da Bíblia para justificar a riqueza dos mais ricos:

> (...) dizes que he ympossiuel o rico se saluar. Entom vem ha ssanta enformaçom aa boa primçesa que lhe dyz em esta guysa Eu vejo que tu faras. Deos nom manda que ho homem leyxe todo pollo seguir. Esto nom he aos que de todo querem seer da vida perfeyta et cada hum se pode saluar em seu estado E ao que deos diz que jmpossyuel he que ho rico se salue. Esto se diz pello rico sem vertude. que de suas riquezas nom destrebuyo em esmollas nem em obras pyadosas. cuja bem aventurança he em seus haueres nom he duuyda se deos desama taes como

[30] Idem, ibidem. folha 11.

> estes. nem entrarom em ho çeeo em quanto taees forem E dos pobres de que elle dyz que som bem auenturados entendesse dos pobres. de spyrytu. [31]

Outro exemplo pode ser observado no livro três onde há a justificativa da não observância dos jejuns e das abstinências feitas as mulheres pobres, que necessitam trabalhar as lembrando de que devem cumprir primeiro com os seus afazeres para só depois pensar em servir a Deus:

> por que em muitos logares a neçessidade do ganhar as faz meter muyto nouas ao serviço do mundo per ventura ellas nom sabem tam bem o que perteeçe a sua saluaçom et serviço de deos como outras fazem: nem sabem como ham de seruyr deos nem ouuyr missas et sermoões nem como ham de dizer suas oras et seu pater noster por que a necessidade do serviço lho nom sofre (...) Toda molher de seruyço deue saber que ella he escusada de duas cousas açerca de deos posto que as nom faça. de que sua senhora ou outra molher repousada nom seria .s. que se ella he ocupada no seruiço conuem que se leuante çedo por milhor fazer o que deue et durma tarde et que jante et çeedepois de todos et pella ventura nom muy largamente et anda comendo et seruindo se esta molher nom jejuna todos os dias mandados pella ygreja ella he escusada se ella entender que o nom pode fazer sem perjuizo do corpo o qual desfaleçendo ella nom poderia auer vida assi onesta: nom per o que ella brite seu jejuum per gula dyzendo que nom he tehuda de jejunar por que serue.[32]

Podemos observar pela análise desses trechos que, segundo o estado a que a mulher pertence à interpretação que é feita dos preceitos cristãos são manipulados a fim de justificar ou a riqueza dos altos estados ou o não cumprimento dos jejuns pois essas mulheres necessitavam trabalhar e não o fariam corretamente se cumprissem todas as normas instituídas pelos padres.

O que destacamos então, através desses poucos exemplos, é que o indivíduo que pode ser percebido nessa obra de Christine de Pisan estava completamente vinculado a seu lugar na sociedade. Ele se apresenta e se reconhece através dos olhos dos outros, por isso a ênfase dada na manutenção ao bom nome e na honra da mulher que, para as manter, deve usar até da dissimulação para poder bem viver na sua comunidade, o que bem mostra como era importante a aceitação do grupo.

Dessa maneira o indivíduo devia perseguir a aceitação do seu grupo de qualquer modo, seja através da busca incessante de atos virtuosos ou na resignação que devia ter quanto ao seu lugar na sociedade. Só assim, dentro dos limites impostos pela sociedade, é que o indivíduo conseguia se perceber, se reconhecer e se manifestar.

---

[31] Idem, livro 1 capítulo 6 folha 5.
[32] Idem, livro 3 capítulo 9 folha 44.

## Fonte Primária:

PISAN, Christine de. *O Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

## Bibliografia de apoio:

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales** (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

DRONKE, Peter. **Las Escritoras de la edad media**. Barcelona: Critica, 1994.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres**. Vol. 2. A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

DUBY,Georges. **A Idade Média na França (987-1460):** de Hugo Capeto a Joana d'Arc. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

DUMONT, Louis**. O individualismo - Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média – Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisseia, s.d.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**.Lisboa: Estampa, 1995.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. São Paulo: EDUSC, 2002.

GUREVITCH, Aron. **As Categorias da Cultura Medieval**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MORRIS, Colin. **The discovery of the individual 1050-1200**. Toronto: Mart 19, 1995.

PERNOUD, Régine. **Christine de Pisan**. Paris: Calmann- lévy, 1982.

POWER, Eileen. **Les Femmes au moyen âge**. Paris: Aubier Montaigne, 1979.

SCHMITT, Jean-Claude. **Le Corps, Les Rites, Les Rêves, Le Temps.** Essais d'antropologie mediévale. Paris: Gallimard, 2001.

TUCHMAN, Bárbara W. **Um Espelho Distante**. O Terrível século XIV. Rio de Janeiro: José Olympio,1989.

VEYNE, Paul. "O individuo atingido no Coração pelo poder público." In **Individuo e poder**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos**.São Paulo: Martins Fontes, 1988.

**DISSERTAÇÃO:**

LEITE, Lucimara. Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval. 1999. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.